

**REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO DE LÍNGUAS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DE DOCENTES
INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG/GOIÁS/BRASIL)****REFLEXIONES SOBRE EL ESTUDIO DE LAS LENGUAS INDÍGENAS EN LA FORMACIÓN
DE MAESTROS INDÍGENAS EN LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE GOIÁS
(UFG/GOIÁS/BRASIL)****REFLECTIONS ON THE STUDY OF INDIGENOUS LANGUAGES IN THE TRAINING OF
INDIGENOUS TEACHERS IN FEDERAL UNIVERSITY OF GOIÁS (UFG/GOIÁS/BRASIL)**

Mônica Veloso Borges¹

Fecha de recepción: 14 - 06 – 2023.

Fecha de aceptación y versión final: 07- 10 -2023.

Resumo

Neste artigo abordo minha experiência como professora de línguas indígenas no Curso de Licenciatura em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás – Brasil (UFG), desde 2007, ano em que se iniciaram as aulas. Primeiramente, para contextualizar, apresento esse Curso, que tem por meta a formação de professores/as pesquisadores/as para atuarem em suas aldeias. Apresento as aulas que ministro, seus objetivos e metodologias, nos Temas Contextuais “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 1”, “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 2” e “Léxico: usos e suas funções sociais”, e nos Estudos Complementares “Línguas Indígenas”, que envolvem aspectos fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, lexicais e sociolinguísticos, referentes às trinta línguas faladas pelos/as alunos/as. O texto mostra a relevância de se abordar o ensino de línguas indígenas em consonância com os aspectos sociais e culturais dos/as alunos/as.

Palavras-Chave: Licenciatura em Educação Intercultural - Línguas Indígenas - Materiais didáticos - Formação de Professores Indígenas.

Resumen

En este artículo, presento mi experiencia como docente de lenguas indígenas en la Licenciatura en Educación Intercultural de la Universidad Federal de Goiás – Brasil (UFG), desde 2007, año en que se iniciaron las clases. Primero, para contextualizar, presento este Curso, que tiene como objetivo formar docentes investigadores para trabajar en sus pueblos. Hablo de las clases que doy, sus objetivos y metodologías, en los Temas Contextuales “Lenguas Indígenas y Portugués Brasileño 1”, “Lenguas Indígenas y Portugués Brasileño 2” y “Léxico: usos y sus funciones sociales”, y en los Estudios Complementarios “Lenguas Indígenas”, que involucran aspectos fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, léxicos y sociolingüísticos, referidos a las treinta lenguas habladas por los/las estudiantes. El texto muestra la relevancia de abordar la enseñanza de lenguas indígenas en consonancia con los aspectos sociales y culturales de los/las estudiantes.

Palabras clave: Licenciatura en Educación Intercultural - Lenguas indígenas - Materiales de enseñanza - Formación de Maestros Indígenas.

¹ Doutora em Linguística (Línguas Indígenas) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena e da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás - Brasil (UFG). Atua no Curso de Graduação (Licenciatura) em Educação Intercultural, bem como na Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orienta pesquisas de graduação, mestrado e doutorado sobre línguas e povos indígenas, línguas de sinais, língua portuguesa, educação indígena e formação de professores/as indígenas.. Correo electrónico: mvborges@ufg.br

Abstract

In this article, I present my experience as a teacher of indigenous languages in the Graduation in Intercultural Education at the Federal University of Goiás – Brazil (UFG), since 2007, the year in which classes began. First, to contextualize, I present this Course, which aims to train research teachers to work in their villages. I present the classes I teach, their objectives and methodologies, in the Contextual Themes “Indigenous Languages and Brazilian Portuguese 1”, “Indigenous Languages and Brazilian Portuguese 2” and “Lexicon: uses and their social functions”, and in the Complementary Studies “Indigenous Languages”, which involve phonetic, phonological, morphosyntactic, lexical and sociolinguistic aspects, referring to the thirty languages spoken by the students. The text shows the relevance of approaching the teaching of indigenous languages in line with the social and cultural aspects of students.

Keywords: Graduation in Intercultural Education - Indigenous Languages - Teaching materials - Training of Indigenous Teachers.

1. Introdução

Neste artigo apresento minha experiência como professora do Curso de Licenciatura em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás – Brasil (UFG), desde 2007, quando a primeira turma ingressou. Meu objetivo é considerar estudos sobre línguas indígenas desenvolvidos por mim, que tratam de aspectos fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, lexicais e sociolinguísticos, referentes às trinta línguas faladas pelos/as alunos/as. Fundamentam esses estudos as análises realizadas sobre essas línguas, como os trabalhos de Praça (2007) e Tapirapé (2018, 2020) para o Tapirapé, e Aihé'édi (2022) para o Xavante.

Essas línguas evidenciam uma diversidade muito grande, uma vez que pertencem aos dois Troncos Linguísticos que existem no país (Tupi e Macro-Jê); ou às grandes Famílias Linguísticas Aruák e Karib. Além disso, no Curso há alunos/as falantes de uma língua isolada (Trumai) e do Português Tapuia, uma variedade falada pelo povo Tapuia (Goiás).

Para isso, tecerei, primeiramente, algumas notas sobre esse Curso, cuja meta é a formação de professores/as pesquisadores/as para atuarem em suas aldeias. Em seguida, abordarei aulas por mim ministradas nos Temas Contextuais “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 1”, “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 2” e “Léxico: significados e suas funções sociais”, e também nos Estudos Complementares “Línguas Indígenas”. Fundamentam teórica e metodologicamente as discussões deste artigo os trabalhos de Borges (2016), Pimentel da Silva (2021), Pimentel da Silva e Borges (2011) e Tapirapé e Borges (2016).

2. O Curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás (Brasil)

O Curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás – Brasil surgiu em atendimento aos anseios e reivindicações de professores/as, lideranças e comunidades indígenas da região dos rios Araguaia e Tocantins, que almejavam a criação de um curso de formação de professores/as que valorizasse suas culturas e línguas, contribuindo para o desenvolvimento de projetos de sustentabilidade linguística e cultural com que as crianças e os/as jovens pudessem se envolver em suas aldeias.

Conta atualmente com cerca de trezentos/as alunos/as indígenas, a maioria professores/as, pertencentes a trinta povos distintos, de cinco estados brasileiros (Goiás, Mato Grosso, Tocantins, Maranhão e parte de Minas Gerais), que falam línguas filiadas a diferentes Troncos Linguísticos e Famílias Linguísticas.

Figura 1.
Mapa dos Estados e Capitais do Brasil.



Fonte: <https://escolakids.uol.com.br/geografia/os-estados-brasileiros.htm>

Conforme descrito no Projeto Pedagógico de Curso, “O grande desafio, desde o início, sempre foi o trabalho em parceria, com base nas línguas e culturas indígenas, privilegiando os argumentos pedagógicos e reconhecendo os valores de cada povo indígena” (PPC, 2020, p.18).

Foram realizados, desde 2005, muitos seminários e reuniões de debates para se pensar e estruturar o Curso de acordo com essas demandas, até que, em 2007, teve início a primeira turma. Desde então já foram formados/as mais de trezentos/as professores/as indígenas dos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão. Foi nos debates com as comunidades indígenas, lideranças e professores/as que nasceram a organização do Curso em etapas na UFG e nas aldeias, a composição das matrizes curriculares e as concepções sobre o Estágio Pedagógico, bem como a proposta e as concepções sobre os Projetos Extraescolares¹.

É um curso de Licenciatura, para formação de professores/as indígenas, em três habilitações: Ciências da Linguagem, Ciências da Cultura e Ciências da Natureza.

Possui a duração de cinco anos, sendo dois de Matriz Básica, quando os/as alunos/as estudam conhecimentos relacionados a todas essas áreas, e três de Matriz Específica, quando optam por uma delas para aprofundarem os estudos. O ingresso é anual, via Processo Seletivo Específico (Vestibular).

O Curso realiza-se em quatro etapas anuais, duas no primeiro semestre e duas no segundo, sendo duas na UFG (janeiro-fevereiro e julho-agosto) e duas nas terras indígenas ou na região em que moram os/as alunos/as (entre abril-junho, e setembro-novembro). São princípios básicos do Curso a Interculturalidade e a Transdisciplinaridade, nos eixos da sustentabilidade e da diversidade.

Nas Etapas de Estudos na UFG são trabalhados conhecimentos organizados não por meio de disciplinas, mas por 'Temas Contextuais' e 'Estudos Complementares' das Matrizes Básica e Específicas. De acordo com o Projeto Político Pedagógico do Curso de Educação Intercultural:

A concepção de Tema Contextual transcende a lógica clássica das dicotomias científicas. É entendido como a não disciplinarização dos saberes. O Tema Contextual busca, sempre, a articulação dos conhecimentos, sejam de bases intraculturais, interculturais, transculturais, ou de outras formas, como as científicas, dissolvendo, assim, as hierarquias epistêmicas. Nessa concepção, não há nem conhecimentos superiores, nem conhecimentos completos; há constelações de conhecimentos. O Tema Contextual reconhece, em sua composição, diferentes lógicas de organização e produção de saberes, realidade que prestigia a troca de conhecimento em um processo crescente de solidariedade intelectual e de justiça social. (PPC, 2020, p. 51)

Já os Estudos Complementares têm por meta fortalecer, ampliar e valorizar os conhecimentos dos/as alunos/as e as ações desenvolvidas em sua formação. São compostos por: a) Multimeios; b) Conhecimentos Matemáticos; c) Português Intercultural; d) Inglês Intercultural; e) Línguas Indígenas. Neste caso, esses estudos são dedicados às línguas faladas pelos/as alunos/as, buscando contribuir com sua valorização e com a criação de espaços de discussão sobre essas línguas, sua situação de uso e vitalidade nas comunidades e seu ensino.

Ocorrem também nas Etapas de Estudos na UFG as orientações de Estágio Pedagógico e dos Projetos Extraescolares, além de outras atividades complementares, como seminários e palestras. Nas Etapas de Estudos em Terras Indígenas, por sua vez, os/as alunos/as desenvolvem atividades de pesquisa, Estágio Pedagógico, Projetos Extraescolares, dentre outras, orientadas e desenvolvidas pelos Comitês Orientadores do Curso. Essas etapas nas aldeias proporcionam vivências interculturais aos/às alunos/as, aos/às professores/as da UFG e aos/às sábios/as.

Esses Comitês Orientadores são constituídos por professores/as, colaboradores/as e egressos/as, que orientam os/as alunos/as no desenvolvimento dos Estágios Pedagógicos e dos Projetos Extraescolares, e, principalmente, dialogam mais de perto com os povos a que os/as alunos/as pertencem, conhecendo melhor

suas culturas, línguas, vivências e existências. Contribuindo, dessa maneira, para uma maior articulação entre as comunidades indígenas e a UFG, no desenvolvimento das ações formativas dos/as alunos/as.

Há no Curso uma enorme diversidade advinda das distintas situações sociolinguísticas, culturais, sociais e políticas dos trinta povos representados, que falam línguas dos dois Troncos Linguísticos do país e das maiores Famílias Linguísticas.

Do Tronco Tupi, há alunos/as que falam línguas de duas Famílias: a) Família Tupi-Guarani: Guajajara (Maranhão), Guarani (Tocantins), Kayabi (Mato Grosso), Kamaiurá (Mato Grosso) e Apyãwa/Tapirapé (Mato Grosso); b) Família Juruna: língua Juruna (Mato Grosso). Do Tronco Macro-Jê, os/as alunos/as falam línguas de três Famílias distintas: a) Família Jê: Apinajé (Tocantins), Gavião (Maranhão), Canela (Maranhão), Krahô (Tocantins), Krikati (Maranhão), Mentuktire (Mato Grosso), Khisêjtê (Suyá) (Mato Grosso), Tapayuna (Mato Grosso), Xakriabá (Minas Gerais), Xavante (Mato Grosso) e Xerente (Tocantins); b) Família Karajá: Karajá (Goiás, Mato Grosso), Xambioá (Tocantins) e Javaé (Tocantins); c) Família Bororo: língua Boe Bororo (Mato Grosso). Da Família Aruák, há aluno/as Mehinaku, Waurá e Yawalapiti, todos/as do Estado do Mato Grosso. Da Família Karib, há alunos/as Ikpeng, Kalapalo, Kuikuro e Matipu, também todos/as do Mato Grosso. Há, ainda, alunos/as Trumai, que falam Trumai, uma língua isolada do Estado do Mato Grosso. Por fim, o Curso tem alunos/as Tapuia (Goiás), que falam o português Tapuia.

É sobre o modo como ocorre o estudo dessas línguas no Curso que tratarei neste artigo.

3. Estudos sobre línguas indígenas no Curso de Educação Intercultural da UFG

A meta de se estudar as línguas faladas pelos/as alunos/as do Curso é contribuir com a valorização de suas “epistemologias linguísticas”, incluindo suas próprias análises sobre suas línguas específicas, como faz o Prof. Iranildo Arowaxeo’i Tapirapé, egresso do Curso, a respeito das construções oracionais do Apyãwa (I. A. Tapirapé, 2020), e, ainda, a elaboração de conceitos teóricos por eles/as desenvolvidos, tais como “Micropolítica e Macropolítica Linguísticas”, defendidos pelo Prof. Gilson Ipaxi’awyga Tapirapé, egresso da turma de 2007, e hoje professor do Curso de Educação Intercultural (Tapirapé, 2015).

De acordo com o Prof. Gilson Ipaxi’awyga Tapirapé, a Micropolítica Linguística é adotada nos núcleos familiares e de pessoas próximas a eles. Já a Macropolítica Linguística ocorre nos demais espaços das comunidades, como, por exemplo, na escola. Como ele explica “quando estamos praticando uma prática de atividade da nossa cultura, estamos fortalecendo nossa língua e, quando estamos lutando pela vida de nossa língua, estamos defendendo as nossas práticas culturais” (Tapirapé, 2015, p. 110).

As línguas indígenas faladas pelos/as alunos/as são estudadas durante os cinco anos de Curso, tanto nos dois anos da Matriz Básica, nos Temas Contextuais “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 1” e “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 2”, quanto nas três Matrizes Específicas, nos Estudos Complementares “Línguas Indígenas 1, 2, 3, 4, 5, 6”. Na Matriz Específica das Ciências da Linguagem essas línguas também são abordadas nos Temas Contextuais, englobando diversos aspectos.

Esses estudos são desenvolvidos por meio de uma metodologia de parceria entre professores/as do Curso, alunos/as e egressos/as, valorizando seus saberes e fortalecendo sua autonomia e protagonismo, a fim de atuarem como professores/as nas escolas de suas comunidades. Nas aulas há sempre muitas apresentações e discussões feitas pelos/as alunos/as para seus colegas, sobre os trabalhos realizados, momentos em que mostram aspectos sobre suas línguas e refletem sobre elas, trazendo suas abordagens próprias, além de conhecer um pouco sobre as línguas faladas pelo restante da turma.

Nesses estudos são contemplados: a) Documentação, análise e descrição dessas línguas (Fonética, Fonologia, Morfossintaxe, Léxico, etc.), realizadas pelos/as próprios/as alunos/as; b) Documentação de saberes tradicionais nessas línguas indígenas; c) Metodologias de estudo e de ensino de línguas indígenas; d) Discussões e pesquisas sobre políticas linguísticas específicas a cada povo; e) Estudos sobre as situações sociolinguísticas das diferentes aldeias; f) Organização e publicação de materiais didáticos e paradidáticos nessas línguas indígenas.

O objetivo desses estudos é a formação de professores/as pesquisadores/as protagonistas de suas próprias línguas, além de incentivar e colaborar com o desenvolvimento de ações que favoreçam a pesquisa, a documentação e valorização/vitalidade/revitalização/retomada, conforme a realidade sociolinguística de cada povo, bem como o fortalecimento dessas línguas e dos espaços socioculturais onde são faladas. Para nós docentes do Curso os estudos sobre essas línguas indígenas contribuem igualmente com nossa formação, no sentido de compreendermos a diversidade linguística existente entre nossos/as alunos/as e melhor atuarmos como professores/as e orientadores/as do Estágio Pedagógico e dos Projetos Extraescolares.

3.1. Aulas dos Temas Contextuais “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 1”, “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 2” e “Léxico: usos e suas funções sociais”

No Tema Contextual “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 1” são discutidas com os/as alunos/as noções básicas sobre órgãos do aparelho fonador; articulação, percepção, descrição e classificação dos sons da fala; relação entre fonemas e grafemas nas línguas; e as semelhanças e diferenças entre os sons do Português e os sons das diversas línguas faladas pelos/as alunos/as.

Por sua vez, no Tema Contextual “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 2”, são debatidas noções básicas sobre morfossintaxe; a noção de ‘palavra’ e critérios para se defini-la nas línguas faladas pelos/as alunos/as; processos de formação de palavras nessas línguas e na língua portuguesa; classe de palavras e suas relações semânticas nessas línguas indígenas; aspectos morfossintáticos relevantes em línguas indígenas e portuguesa, como ordem de palavras nessas línguas.

Em ambos os Temas Contextuais são abordados conhecimentos que se relacionam a outros nos debates durante as aulas, contribuindo para a construção de uma metodologia da contextualização e para o diálogo entre as ciências indígenas e as ciências não indígenas. Assim, os/as alunos/as trazem para a discussão suas experiências de sala de aula e seus conhecimentos sobre suas línguas, propiciando um diálogo intercultural muito interessante entre todos/as da turma. Nessas aulas contextualizadas, de metodologias coletivas, alunos/as e professores/as se envolvam nas discussões, nos exercícios em grupo e nas atividades de pesquisa.

Na base desses debates em ambos os Temas Contextuais está o contato entre si dessas línguas faladas pelos/as alunos/as, bem como o contato entre elas e o Português e as influências que esta língua exerce nas línguas indígenas faladas e escritas. Nesses Temas Contextuais também são produzidos materiais didáticos para o ensino de línguas em contextos bilíngues e bidialetais, conforme a realidade dos/as alunos/as, principalmente para a alfabetização em contextos interculturais.

Na Figura 2 encontram-se dois momentos de apresentação de trabalhos, respectivamente, no Tema Contextual “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 1” e em “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 2”. No primeiro, o aluno Atatiro Kalapalo apresenta para os/as colegas as vogais de sua língua. No segundo, o aluno Hitsi Geraldo Kuikuro explica processos de formação de palavras em Kuikuro. O Kalapalo e o Kuikuro são línguas faladas no Estado do Mato Grosso, no Parque Indígena do Xingu.

Figura 2.

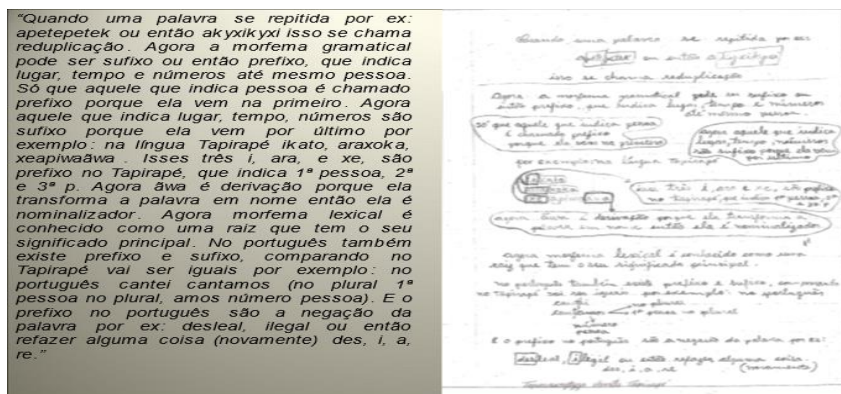
Alunos Atatiro Kalapalo e Hitsi Geraldo Kuikuro.



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Uma atividade sempre desenvolvida é a produção de textos sobre os conceitos teóricos e os assuntos estudados nas aulas. É o que vemos na Figura 3, em que a aluna Taparawytyga Vanete Tapirapé explicou e discutiu a estrutura morfológica da língua Apyãwa, falada no Estado do Mato Grosso, comparando-a com a estrutura do Português, e segmentando os morfemas que compõem as palavras nessas línguas, além das noções de prefixo, sufixo, nominalizador, derivação, entre outros.

Figura 3.
Morfologia da Língua Apyãwa.



Fonte: Borges (2010, p. 114-115).

Conforme nos explica o Prof. Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé (2021), para que uma boa análise morfossintática de uma língua indígena seja realizada, é preciso que se conheçam o contexto e o lugar onde as palavras são usadas, se na casa, no pátio da aldeia, no rio, no lago, etc.; além de saber quem fala, com quem fala e para quem fala, pois os significados são criados a partir dessa realidade, do uso de cada palavra. É preciso saber se se trata de uma narrativa mitológica, de um ritual, de uma conversa informal, porque, assim, a língua será analisada em seu contexto real de uso. A língua é parte fundamental da epistemologia de um povo e nunca pode ser estudada de forma isolada dela. É nessa perspectiva que a análise do Prof. Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé (2020) sobre as construções oracionais da língua Apyãwa foi realizada, a partir do uso dessas construções na Takãraⁱⁱ, na casa, na caçada e na pescaria, observando a relação entre elas e esses contextos comunicativos.

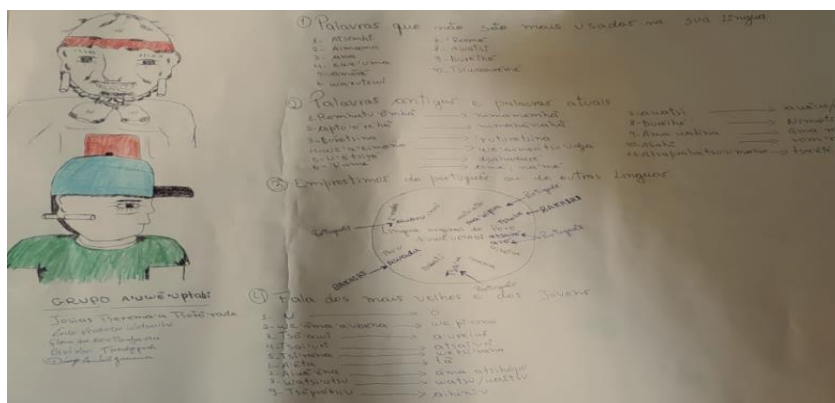
No Tema Contextual “Léxico: significados e relações sociais”, é feito o estudo do léxico usado pelas diferentes gerações e nos espaços especializados, sagrados, cotidianos, masculinos e femininos (Borges, 2016). Os conhecimentos abordados são: a) Léxico e seu contínuo processo de mudança e expansão; b) Léxico em desuso; c) Léxico distinto entre gerações e sexos; d) Linguagem especializada; e) Diferenças lexicais entre aldeias; f) A documentação do léxico; g) Formação de novas palavras nas línguas indígenas faladas pelos/as alunos/as do Curso; h) Dicionários por campos lexicais, tais como aves, animais, peixes, árvores, plantas medicinais, flores e frutos.

As metas desse Tema Contextual são: a) Discutir diferentes concepções de léxico e sua relação com visão de mundo; b) Abordar as diferentes formas lexicais

empregadas em espaços socioculturais e relações sociais diversas, constatando e valorizando suas especificidades; c) Analisar as relações formais, conceituais e pragmáticas existentes entre essas diferentes formas lexicais; d) Discutir diferentes metodologias de documentação lexical e de organização de dicionários para as línguas faladas pelos/as alunos/as; e) Realizar atividades de documentação de léxico para construir ações didáticas de ensino dessas línguas nas escolas indígenas (Borges, 2016).

Na Figura 4, apresento o cartaz produzido por alunos Xavante, durante uma atividade em grupo, em que discutem palavras em desuso na língua Xavante (Mato Grosso), falas dos mais velhos e dos jovens, palavras antigas e palavras atuais, empréstimos do Português e de outras línguas.

Figura 4.
Cartaz sobre o léxico da língua Xavante.



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Na Figura 5, os alunos egressos Autaki Waurá e Amutu Waurá apresentam diferenças entre as falas feminina e masculina na língua Waurá (Mato Grosso).

Figura 5.
Autaki Waurá e Amutu Waurá.

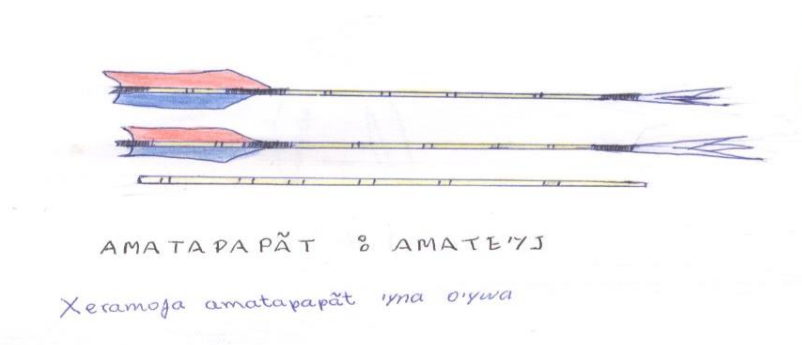


Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Na Figura 6 apresento um desenho produzido por alunos/as Apyãwa para discutirem palavras especializadas na língua Apyãwa. Segundo o Prof. Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé, em comunicação pessoal, amatapapãt, que significa 'confeccionar flecha com mais de uma ponta', é formada pela seguinte estrutura morfológica: a - ma - tapapãt (prefixo + morfema causativo + raiz tapapãra - 'nome de uma espécie de flecha, que tem mais de uma ponta'). Amate'yj indica o significado, a explicação da palavra. Por fim, há uma frase, ilustrando o emprego de amatapapãt.

Figura 6.

Palavra Amatapapãt.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O Prof. Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé (2021) explica que, ao se estudar as palavras de uma língua, é relevante conhecer a relação cosmológica existente entre o léxico e a cultura do povo que fala essa língua, a fim de que a análise seja realizada de maneira contextualizada. Segundo ele:

... se é para realizar uma análise descritiva sobre animais, peixes e aves, primordialmente, são necessários conhecimentos das importâncias de cada uma dessa espécie para fortalecimento da epistemologia linguística. Pois, vemos que todos esses têm forte e direta relações com saberes milenares, como manutenção de rituais, dieta alimentar, nomes pessoais, organização social, etc.

“...do ponto de vista indígena, não dá para discutir língua sem discutir o conhecimento, e nem discutir o conhecimento sem discutir a linguagem”.

A seguir transcrevo algumas avaliações feitas por alunos/as sobre as pesquisas realizadas nas aulas do Tema Contextual “Léxico: usos e suas funções sociais”.

“O léxico é o lugar onde guardamos os nossos valores e os nossos conhecimentos para o presente e para sempre” (Bismael Ipa'aramy Tapirapé, Turma 2010).

“O léxico está sempre com as portas abertas. Algumas palavras estão entrando, mas outras vão saindo” (Armando Sõpre Xerente, Turma 2011).

“O estudo do léxico envolve e abrange a leitura do mundo e a leitura da palavra” (Gilson Ipaxi’awga Tapirapé, Turma 2007).

“Estudar o léxico significa o fortalecimento e a valorização da língua e de seu povo” (Gilson Ipaxi’awga Tapirapé, Turma 2007).

“O léxico é uma espécie de caixinha onde guardamos os nossos pertences e os de nosso povo” (Mário Bandeira Gavião, Turma 2010).

“Falar sobre a palavra especializada é muito diferente de usar essa palavra num contexto, a palavra contextualizada” (Adeilda Katoaxowa Tapirapé, Klebson Awararawooi Tapirapé e Waraxowoo’i Maurício Tapirapé, Turma 2011).

3.2. Aulas dos Estudos Complementares “Línguas Indígenas”.

Nos Estudos Complementares “Línguas Indígenas 1, 2, 3, 4, 5, 6”, na UFG, as aulas são organizadas em turmas constituídas ou por povos específicos, quando são mais numerosas, ou por troncos linguísticos e famílias linguísticas, ou, ainda, por proximidade geográfica de territórios e contato sociolinguístico entre os povos, buscando uma parceria entre professores/as do Curso e alunos/as, assim como parceria com alunos/as de turmas anteriores, alunos/as considerados/as sábios/as, professores/as indígenas egressos do Curso e sábios/as das aldeias.

Os temas abordados nesses Estudos Complementares são as seguintes: a) **Línguas Indígenas 1:** Estudos fonético-fonológicos contextualizados nas realidades dos povos indígenas, considerando suas diferenças linguísticas entre as falas masculina e feminina, entre as gerações, e entre as comunidades; b) **Línguas Indígenas 2:** Estudos morfossintáticos fundamentados nas realidades sociolinguísticas dos povos indígenas e suas políticas linguísticas; c) **Línguas Indígenas 3:** Estudos sobre os processos de formação e criação de palavras, envolvendo os empréstimos linguísticos decorrentes das relações interculturais; d) **Línguas Indígenas 4:** Estudos sobre as classes de palavras e suas relações com as visões de mundo dos diferentes povos; e) **Línguas Indígenas 5:** Contextualização da discussão sobre letramento voltada para o fortalecimento dos saberes orais dos povos indígenas; f) **Línguas Indígenas 6:** Produção de pequenos dicionários e/ou gramáticas pedagógicas para atender às demandas dos povos indígenas em documentar suas línguas e criar estratégias para sua valorização (PPC, 2020).

Em “Línguas Indígenas 1, 2, 3, 4, 5, 6”, além das aulas expositivas, as atividades são realizadas principalmente por meio de pesquisas e estudos em grupos. Os/as alunos/as têm a oportunidade de estudar mais detalhadamente suas línguas e refletir sobre elas, seus usos, funções e ensino. As aulas são conduzidas com a participação ativa deles/as, desenvolvendo mais atividades de análise e apresentando de maneira mais aprofundada suas discussões para os/as colegas.

As aulas de “Línguas Indígenas 1, 2, 3, 4, 5, 6” são momentos para alunos/as refletirem sobre suas línguas e suas estruturas fonológicas e morfossintáticas, além da

situação sociolinguística das aldeias onde moram. Na Figura 7, apresento um trecho de uma atividade realizada por alunos/as Apyãwa sobre a formação de novas palavras em sua língua, em que mostram a estrutura morfológica de cada uma delas. Já na Figura 8 o aluno Agostinho Bororo traz exemplos de empréstimos fonológicos e semânticos na língua Bororo, falada no Estado do Mato Grosso, detalhando as estruturas desses últimos.

Figura 7.

Atividade de alunos/as Apyãwa sobre formação de novas palavras.

Formação de novas palavras em Língua Apyãwa (Tapirapé) para objetos, móveis, transportes, alimentação etc.

1. ARAPATOXIGA "açúcar"
Arapato - xig - a = rapadura-branca
raiz + raiz + sufixo

2. PORAKERYNOO "energia"
Porake - ryñ - oo = peixe elétrico - parece - aumentativo
raiz + raiz + sufixo

Ismael Patari Tapirapé e Renato Kaorewyooo Tapirapé

Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Figura 8.

Atividade do aluno Agostinho Bororo sobre empréstimos na língua Bororo.

Agostinho Bororo - Atividade 1 – Línguas Indígenas 3 - 2021/2
- Minha anotação sobre palavras emprestadas:

Kowaru = cavalo
Kape = café
Piga = pinga
Bora = bola
Meracia = melancia
Buro = burro

Bem, no momento tem estas palavras que deu pra anotar. Tem estas aqui também:

Taro kuru = espuma + líquido (espuma líquida) = Cerveja
Pobo Coreu = Água + preta = Café
Meriri kodureu = Ferro que voa = Avião
Meriri merureu = Ferro que anda = Carro
Meriri iku = Fio de ferro. Todo tipo de fios de cobre metálico.

Estas foram as que me vieram na cabeça, professora.

Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

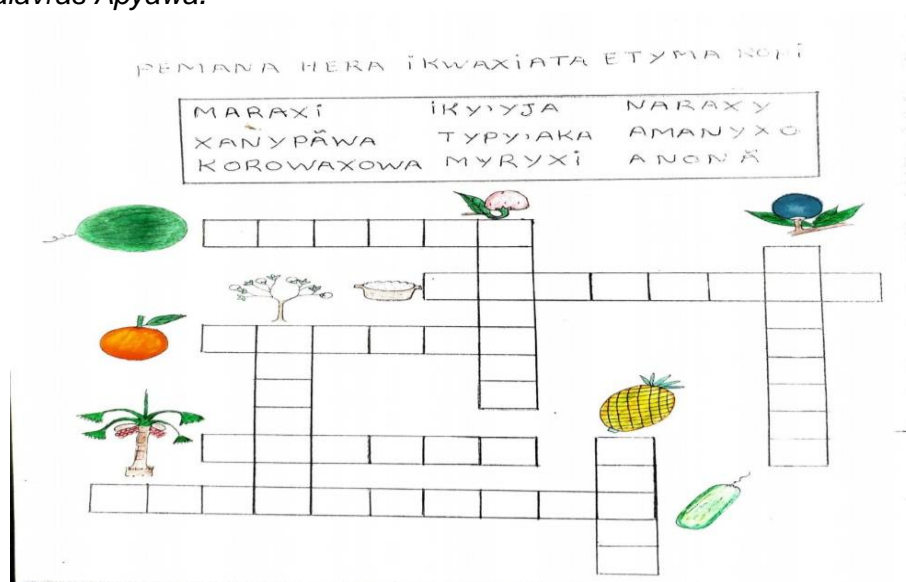
Segundo o Prof. Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé (2021), ao se pesquisarem essas novas palavras criadas nas línguas, é relevante inicialmente entendermos como e onde ocorreu a entrada dessa nova realidade e da palavra que a expressa. Esse estudo dos mecanismos empregados na formação de novas palavras precisa considerar a visão de mundo do povo que fala essa língua, ou seja, deve se realizar uma análise contextualizada dos neologismos, já que, quando uma palavra entra numa língua, ela recebe outro significado, relacionado à semelhança ou à forma ou à utilização que o objeto inserido na cultura tem com outros objetos da própria cultura.

Nos Estudos Complementares “Línguas Indígenas 1, 2, 3, 4, 5, 6”, os/as alunos/as ainda planejam e organizam materiais didáticos, como jogos, brincadeiras, caça-palavras, palavras-cruzadas, quebra-cabeças, vídeos e livrinhos escritos em suas línguas, especialmente para trabalharem com crianças. Além disso, muitos estudos iniciados nessas aulas têm continuidade nas aldeias, quando /as alunos/as vão realizar pesquisas com os/as sábios/as, principalmente para os Projetos Extraescolares na área das Ciências da Linguagem.

A seguir apresento alguns desses materiais produzidos por professores/as Apyãwa, hoje egressos/as do Curso. Na Figura 9, há um caça-palavras Apyãwa, para ser usado na alfabetização, em que as crianças precisam encontrar, na lista de palavras oferecida, aquela que equivale a cada desenho, e escrevê-la no respectivo quadrinho.

Figura 9.

Caça-palavras Apyãwa.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Na Figura 10, observa-se um material que foi produzido por professores/as Apyãwa, hoje egressos/as do Curso, para se discutir, principalmente com crianças, o processo de formação de novas palavras na língua. Na parte superior, encontra-se o desenho do objeto referente à nova palavra criada (arakwaãpawa 'relógio', literalmente

‘aquilo que serve para sabermos/conhecemos o tempo’). Abaixo estão os desenhos relacionados aos morfemas que constituem a palavra arakwaãpawa (ara ‘sol, dia’; kwaãp ‘raiz verbal ‘saber/conhecer’; {-ãwa}: {-ãw} ‘sufixo nominalizador de processo/instrumento’ e {-a} ‘referenciante’)ⁱⁱⁱ.

Figura 10.

Material Apyãwa produzido sobre processos de formação de novas palavras.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A Figura 11 também traz um material produzido por professores/as Apyãwa, hoje egressos/as do Curso, para se discutir morfossintaxe do verbo Apyãwa. Em aranopy ‘nós batemos’, há a seguinte estrutura: {ara-} ‘marcador de 1ª pessoa do plural exclusiva’; nopy “raiz verbal ‘bater’”. Já em napyyki ‘ele/a não pegou’, {n-} é ‘morfema de negação’; {a-} ‘marcador de 3ª pessoa do singular’; pyyk “raiz verbal ‘pegar’”; {-i} ‘morfema de negação’. A língua Apyãwa, assim como outras línguas da Família Tupi-Guarani, como o Avá-Canoeiro e o Kamaiurá, possui morfema descontínuo de negação {na=....-i}.

Figura 11.

Material Apyãwa produzido sobre Morfossintaxe do verbo Apyãwa.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Em alguns Temas Contextuais, como “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 1”, “Línguas Indígenas e o Português Brasileiro 2” e “Línguas Indígenas como 1ª e 2ª línguas”, também discuto e desenvolvo jogos, brincadeiras, vídeos, livrinhos, dentre outros materiais nas línguas faladas pelos/as alunos/as. As metas são refletir sobre políticas linguísticas para as línguas indígenas, de acordo com a situação sociolinguística específica de cada uma, além de discutir práticas e metodologias de ensino, fortalecimento, manutenção, retomada, revitalização, vitalização de línguas indígenas.

Na Figura 12 observamos uma atividade em que alunos/as discutem joguinhos para o ensino de suas línguas, nas escolas de suas comunidades. O aluno Auwe Lopes Kayabi apresenta um quebra-cabeça que desenvolveu em sua língua Kayabi, para utilizar na alfabetização de crianças.

Figura 12.

Atividades coletivas sobre joguinhos em línguas indígenas e o aluno Auwe Lopes Kayabi.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Em Tapirapé e Borges (2016), o Prof. Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé e eu relatamos nossa experiência de termos ministrado aulas juntos nos Estudos Complementares “Línguas Indígenas 3, 4 e 5”, para alunos/as Apyãwa e Guajajara, em 2015. Esse texto revela as metodologias possíveis e os desafios e perspectivas de atuarem conjuntamente professores/as indígenas e não indígenas, em um curso de formação de professores/as indígenas.

Esse texto, escrito por mim e o Prof. Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé, um egresso do Curso de Educação Intercultural da UFG, hoje professor, assim como estudos desenvolvidos por ele (G. I. Tapirapé, 2015; 2018; 2020; 2021) e outros/as intelectuais indígenas, especialmente egressos/as do referido Curso, como Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé (I. A. Tapirapé, 2020) e José Uratsé Aihé'édi (2022), têm embasado as aulas sobre línguas indígenas.

4. Considerações Finais

Neste artigo minha meta foi apresentar o estudo de línguas indígenas, no Curso de Educação Intercultural da UFG, considerando principalmente os conhecimentos abordados e a metodologia empregada. Enfoquei três Temas Contextuais e três Estudos Complementares, mas igualmente em outros componentes curriculares do Curso ocorre o estudo das línguas faladas pelos/as alunos/as, para que tenham oportunidade de conhecê-las de forma mais aprofundada, documentá-las, analisá-las e valorizá-las.

Como demonstraram os exemplos apresentados, nas aulas são estudadas as línguas faladas pelos/as alunos/as, observando suas especificidades estruturais, assim como seus contextos de uso. São abordadas, no dizer do Prof. Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé, as epistemologias linguísticas de cada povo, sua forma de entender, analisar e ensinar suas línguas. As aulas são momentos de valorização desse olhar contextualizado de cada língua, em consonância com a situação sociolinguística de cada povo que a fala. Conforme explica o Prof. Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé, a língua não é sistema. É epistemologia, cosmologia, mitologia. E é nessa perspectiva que desenvolvemos as aulas de línguas indígenas, no Curso de Educação Intercultural da UFG.

As aulas são também momentos para que os/as alunos/as conheçam as línguas faladas pelos/as colegas e as metodologias que usam para ensiná-las, ocorrendo, desse modo, um diálogo linguístico intercultural muito relevante entre alunos/as e professora, em que são discutidos os contextos epistemológicos e linguísticos de cada povo, a fim de que haja, como afirma o Prof. Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé, uma 'luta linguística' para o fortalecimento das línguas indígenas.

Os/as alunos/as mesmos/as explicam, na Figura 13, como é importante estudarem suas línguas, sempre ligadas às suas culturas e epistemologias, pois, como afirma Pimentel da Silva (2021):

As línguas indígenas congregam uma série de usos linguísticos especializados, ligados a uma diversidade de atividades culturais especializadas, sagradas, ritualísticas e cósmicas que se conectam com os usos cotidianos e os alimentam. (p.34)

... as línguas não estão separadas de seus contextos, muito menos de seus falantes e do modo como produzem conhecimento e refletem sobre ele. (p. 34)

Figura 13.

Avaliações de alunos/as sobre os estudos linguísticos no Curso.

“A língua não é sistema. É mundo, é contexto, é função” (Gilson [Ipaxi'awvga Tapirapé](#), Turma 2007).

“A língua sempre se refere à cultura, ela nunca é separada da outra. (...)” ([Xajawtyqi Daniel Tapirapé](#), Turma 2007).

“Gostei muito estudar a língua da própria etnia, porque é sagrado para meu povo.” ([Xajawtyqi Daniel Tapirapé](#), Turma 2007).

Fonte: Arquivo pessoal, 2010.

A fim de termos um espaço para socializarmos e fortalecermos os trabalhos dos/as alunos/as sobre suas culturas, escritos em suas línguas, criamos a Revista “Articulando e Construindo Saberes”, do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena da UFG. ^{iv} Nela podem ser acessados diversos artigos escritos por alunos/as e também egressos/as em suas línguas.

5. Referencias bibliográficas

- D Aihé'édi, J. U. (2022). Variações fonológicas da língua A'uwe Uptabi (Xavante) na aldeia São Marcos. A'uwe Uptabi mreme wa'ötötsipu daró Etenhõ'repré [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12887>
- Borges, M. V. (2010). Línguas Indígenas e o Português Brasileiro: a experiência com os alunos Tapirapé. Em L. M. Rocha, M. S. Pimentel da Silva, e M. V. Borges (Orgs.). *Cidadania, interculturalidade e formação de docentes indígenas* (pp. 103-118). Goiânia, Brasil: Editora da PUC Goiás.
- Borges, M. V. (2016). Documentação e Estudos Lexicais sobre Línguas Indígenas. *Revista Articulando Saberes*, 1, 33-49. <https://doi.org/10.5216/racs.v1i1.42995>
- Pimentel Da Silva, M. S. e Borges, M. V. (2011). Políticas linguísticas e pedagógicas em práticas de educação bilíngue intercultural. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 8, 249-273. <https://doi.org/10.21713/2358-2332.2011.v8.251>
- Pimentel Da Silva, M. S. (2021). *Fundamentos e Práticas de Alfabetização de Crianças pelos Conhecimentos Indígenas*. Campinas, Brasil: Pontes Editores.

PPC. Projeto Pedagógico do Curso de Educação Intercultural. (2020). Goiânia, Brasil: Universidade Federal de Goiás.

Praça, W. N. (2007). Morfossintaxe da língua Tapirapé (Tupi-Guarani) [Tese de Doutorado não publicada]. Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Brasil.

Tapirapé, G. I. (2015). Breves reflexões sobre minhas experiências como professor indígena. Em M. S. Pimentel da Silva e M. V. Borges (Orgs.). *Práticas pedagógicas de docentes indígenas* (pp.99-113). Goiânia, Brasil: Gráfica/UFG.

Tapirapé, G. I., e Borges, M. V. (2016). Dois Olhares sobre uma Experiência em Parceria: Aulas de Línguas Tapirapé e Guajajara no Curso de Educação Intercultural da UFG. Em M. S. Pimentel da Silva, M. L. Nazário, e E. M. Dunck-Cintra (Orgs.). *Diversidade Cultural Indígena Brasileira e reflexões no contexto da educação básica* (pp.103-123). Goiânia, Brasil: Editora Espaço Acadêmico.

Tapirapé, G. I. (2018). A luta dos Apyãwa para manter sua língua viva. *Revista Articulando e Construindo Saberes*, 3(1), 491-313.
<https://doi.org/10.5216/racs.v3i1.55396>

Tapirapé, G. I. (2020). Takãra: Centro Epistemológico e Sistema de Comunicação Cósmica para a vitalidade cultural do mundo Apyãwa [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.
<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11124>

Tapirapé, G. I. (2021, dezembro). Takãra, Representação Simbólica da Vida Ritualística do Povo Apyãwa. Palestra apresentada no 'I Seminário Descolonizando Metodologias: Éticas e Práticas de Pesquisador@S Indígenas'. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Brasil.

Tapirapé, I. A. (2020). Língua Apyãwa: construções oracionais em contextos comunicativos diversos [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.
<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11782>

Notas

ⁱ Os Projetos Extraescolares são trabalhos orientados pelos/as sábios/as, dos quais participam todas as pessoas das comunidades. São atividades de pesquisa, documentação de saberes tradicionais e estudos que buscam valorizar e fortalecer as línguas, as culturas e as ciências indígenas. São desenvolvidos prioritariamente em línguas indígenas, pelos/as alunos/as, durante 3 anos do Curso, e defendidos também principalmente em línguas indígenas, nas comunidades dos/as alunos/as, para uma banca constituída por lideranças, sábios/as das aldeias e professores/as da UFG.

ⁱⁱ A Takãra é o espaço epistemológico, político e do sagrado do Povo Apyãwa. É onde os meninos recebem a educação necessária para se tornarem verdadeiros homens Apyãwa. É o espaço de vivência com os Axyga “Espíritos” (G. I. Tapirapé, 2020).

ⁱⁱⁱ Para a Morfossintaxe da língua Apyãwa, consultar o trabalho de Praça (2007).

^{iv} A Revista “Articulando e Construindo Saberes” pode ser acessada em: <https://revistas.ufg.br/racs>.